

VII

CAMINHOS DE LUTA

A chegada dos retirantes irlandeses em terras da América verificou-se sem maiores incidentes, não obstante a demorada travessia, normal naquela época.

O velho Gordon, como guia experimentado, conduziu a caravana com segurança ao porto de destino, onde os imigrantes se instalaram na zona mais tarde absorvida pelos subúrbios de Hartford.

Todos os corações estuavam de esperanças novas.

Cirilo estava deslumbrado com a riqueza da terra, impressionando-se com a beleza dos horizontes. A paisagem evidenciava, de fato, um mundo diferente, que, no dizer de Abrão Gordon, era a região destinada por Deus aos homens de boa vontade.

A adaptação da pequena comunidade não apresentou dificuldades apreciaveis. Em breves dias, identificava-se satisfeita com as mudanças havidas, embalando-se em perspectivas promissoras. A caça e a pesca eram novidades que a todos proporcionavam não sómente diversões inéditas, mas também abundante celeiro.

Samuél e Abrão, em aportando à nova terra, adquiriram uma centena de escravos e, com o auxílio do braço negro, iniciaram as primeiras culturas. Ao calor de entusiasmos fecundos, desdobravam-se energias para as tarefas imensas, assinalando-se que, ao fim de poucas semanas, todo o trabalho estava normalizado.

Recordando o berço natal, a extensa região que

abrangia as duas grandes propriedades rurais foi batizada com o expressivo nome de Nova Irlanda.

Samuel e Constança não cabiam em si de contentes e, apesar das saudades do Ulster, faziam o possível para reproduzir e conservar as pequeninas cousas que adornavam as antigas fazendas da Irlanda distante. Movimentavam-se os empreendimentos, nesse sentido, não apenas no interior doméstico, mas igualmente na divisão das pastagens, na localização da lavoura de batatas e legumes, nos aviários, estábulos e redis.

Cirilo, ao lado de João e Carlos Gordon, promovia importantes iniciativas. Cheios de energia e mocidade, operavam, os três, uma verdadeira revolução agrária, orientando grandes turmas de servos, na transformação benéfica dos patrimônios da natureza. Aqui, eram braços d'água captados à distância de quilómetros, para fertilizar pastagens e acionar moinhos; alem, eram os campos de experimentação dos cereais encontrados. Aproveitavam-se todos os conselhos dos colonos chegados antes deles. Regiões vastas foram destinadas ao plantio do fumo — base económica de maior importância para o comércio de exportação.

Cirilo, principalmente, não tinha meças de repouso, encantado com a grandeza do território que lhe desafiava a mocidade robusta e empreendedora. Atividadeposta no trabalho intensivo e pensamento voltado para o lar distante, iniciou logo a construção da casa própria, fiel aos designios trazidos da Europa. A exemplo do que fazem aves próvidas, escolhia com desvelado carinho o material mais adequado à construção do ninho de futura tranquilidade. Lembrava as menores observações da companheira, com referência ao assunto, para que fôssem cuidadosamente desdoblados os serviços iniciais. A paisagem parecia corresponder aos mais íntimos desejos da esposa, pois de fato encontrara uma pequena zona de cômoros verdejantes, regada pelas águas claras do Connecticut, tudo a esbater-se em magnífico fundo azul. Cirilo cercara o local, com particular cuidado, para que as árvores frutíferas desenrolassem os primeiros ramos.

Em lhe ouvindo os planos de futuro, todos calcados

em sonhos de paternal ventura, Constancia sorria, embevecida e, por sua vez, idealizava mil cousas, para que a nôra só encontrasse bem-estar no ambiente colonial.

Estava a completar-se um ano que haviam emigrado, um ano de esperanças e trabalhos para Cirilo, e tambem de saudades e expectativas ansiosas de notícias que jamais lhe chegavam, excetuadas as cartas recebidas nos primeiros tempos.

Agora, esperava êle uma embarcação segura para voltar a Paris, em busca da espôsa que tanto o preocupava. Entretanto, êsse navio que o deveria levar, trazia-lhe dolorosa carta do tio Jaques, na qual, com mão trêmula, comunicava os tristes acontecimentos de França. Historiava a epidemia com todas as cores negras e, por fim, registava, pesaroso, a espantosa notícia do falecimento de Madalena e de seu pai, pouco depois da morte de D. Margarida, e mais que, de Versailles, Antero de Oviedo lhe comunicara que seguiria para a América do Sul, sobre carregado de profundos desgostos.

A leitura da luctuosa carta fizera-se acompanhar de efeito fulminante. O rapaz debalde ensaiou um gesto de resignação ante a fatalidade que lhe modificava o destino. As letras baralharam-se-lhe na retina, trêmulo de assombro. Lágrimas ardentes misturavam-se a soluções de irremediável aflição, a-pesar-das expressões confortadoras de sua mãe. Naquele momento, tudo estava terminado para o seu coração afetuoso. De que lhe servira tamanha bagagem de esperanças se a fatalidade assim anulava todos os projetos sublimes? Agora, concluia que a mudança efetuada com tão grandes aspirações de futuro venturoso, não passava de estranho e miserável exílio. Custava-lhe admitir a realidade das informações inesperadas e exasperantes. Entretanto, a carta do velho amigo de Blois não dava margem a qualquer dúvida. Alem disso, na mesma embarcação que lhe trouxera a infiusta nova, chegaram diversos imigrantes franceses, que se declaravam involuntariamente expatriados, diante da epidemia devastadora.

O pobre rapaz caíu em situação desesperadora. Espantava-o a tremenda impossibilidade de qualquer le-

nitivo. Seu intraduzivel sofrimento tinha, ao seu ver, o cunho de fatalidade irremediavel. Prostrado em febre alta, foi forçado a acamar-se, movimentando toda a "Nova Irlanda" em torno do seu leito. Em vão, porém, sucediam-se os argumentos consoladores. Seu olhar era quasi indiferente ás exortações evangélicas do ancião de Belfast e reagia dificilmente, mesmo aos apelos maternais. Ao seu ver, aquela dor era inacessivel ao raciocinio de quantos o rodeavam. Nenhum dos seus havia conhecido Madalena e ninguem na colonia podia avaliar sinceramente a sua desgraça irreparavel.

Constancia, porem, desfazia-se em desvelos, na sua infinita capacidade de afeição. Na véspera da missa que mandara celebrar em intenção da nôra supostamente falecida, abeirou-se do leito do filho inconsolavel e falou-lhe com carinho:

— Meu filho, é verdade que o teu sofrimento é indefinivel e que nós estamos longe de imaginar toda a intensidade do teu desgôsto, mas peço-te considerar minha confiança de mãe!... Acaso terão terminado todos os teus deveres neste mundo? Reconheço que teu amor conugal é muito grande; todavia, nós tambem te amamos muito!...

Quis responder, asseverando que sua ventura estava destruida, que o mundo não lhe oferecia novos ideais; contudo, a voz morria-lhe na garganta opressa.

— Não te entregues a esse abatimento fulminante do coração, — continuava a palavra maternal com profundo desvêlo. — Não te peço esse sacrificio de teus sentimentos apenas por mim. Ha três noites, Samuel não dorme dizendo-se perseguido de remorsos atrozes, por te haver trazido sem a espôsa! Não sei mais que fazer, meu filho, por demonstrar que em tudo devemos obedecer á vontade do Pai que está nos céus...

Nesse interim, a bondosa senhora interrompeu-se para enxugar as lágrimas.

— Tambem sofro com os pensamentos que afligem teu pai, mas que seria de nós, aqui, sem as iniciativas do teu cérebro e o valor dos teus braços? Como vês, a felicidade na colonia não se resume num sonho de quem

troca o berço em que nasceu por uma patria diferente. O equilíbrio doméstico exige alta soma de esforços e sacrifícios. Qual a situação se não tivesses vindo? Não podíamos continuar dependendo tanto dos Gordons, nossos velhos amigos. Não acreditas, meu filho, que se hajam cumprido insondáveis designios de Deus? Se puderes, tranquiliza a teu pai e a mim tambem, neste transe tão amargo, revelando conformação e paciencia; e se não fôr agravo aos teus padecimentos íntimos, acompanha-nos, amanhã, no ofício religioso em intenção da paz de Madalena no seio de Deus.

As considerações maternas, ditas com inflexão de imenso carinho, atingiam fundo o coração do filho.

— Logo que possas levanta-te — prosseguiu passando-lhe a mão pelos cabelos — recorda as nossas necessidades de trabalho, pensa nos teus irmãos!...

Ele continuou silencioso, não obstante os inestimáveis resultados da exortação instante e humilde.

Tão logo a progenitora volveu ao interior da casa, ele começou a meditar mais seriamente na sua necessidade de reação. Não seria egoísmo isolar-se, de modo absoluto, na dor que o acabrinhava? Cumpria não agravar as tribulações maternas, nem tão pouco abandonar o progenitor, em meio de tantos empreendimentos iniciados. Nada no mundo poderia cicatrizar a úlcera que se lhe abrira na alma e contudo era preciso oculta-la, retomar a charrúa cotidiana e renovar as disposições, a-fim-de não parecer covarde. Com grande esforço levantou-se. A contemplação da natureza ambiente não lhe devolveu as alegrias primitivas. A magnífica paisagem americana assumia, agora, a seus olhos, o aspecto de um cemitério adornado de árvores esplêndidas em apoteóse de flores.

A missa do dia imediato foi particularmente penosa para o seu espírito afetuoso. Os Gordon e os Davenport ocupavam os lugares mais destacados do interior da capela, enquanto os escravos assistiam, à certa distância, olhando-o com olhos piedosos. O pobre rapaz, entrajado em rigoroso luto, não sabia como disfarsar por mais tempo as emoções que lhe estrangulavam a alma sen-

sivel. Ao terminar o ofício, quando recebeu o último abraço de condolências, sentiu um grande alívio.

Agora desejava ardente mente embarcar para a França, ao menos para visitar o tumulo da companheira inolvidável e rever os sítios inesquecíveis da sua efêmera ventura conjugal; mas o professor de Blois anunciaría sua vinda breve, e definitiva, acompanhado de Suzana. Jaques revelara, em todos os trechos da carta amargurosa desolação. Tambem fôra vítima da enfermidade terrível. A escola amada estava extinta. E pretendia embarcar, sem perda de tempo, atendendo aos rogos da filha, afita para afastar-se do teatro de acontecimentos tão tristes.

Cirilo ponderou que seria conveniente esperá-los. Certo lhe trariam pormenores que ansiava por conhecer. Daí por diante, duplicou as próprias tarefas, buscando no trabalho lenitivo à máqua profunda que o devorava. Taciturno e, nada obstante, energico e resoluto, levantava-se quando as estrelas ainda luziam no firmamento, compartilhando no esforço rude dos escravos. Costumava fazer as refeições no campo e só regressava ao lar quando os astros da noite começavam a luzir.

O quadro doméstico prosseguia sem alterações, quando a chegada de Jaques com a filha veiu suscitar assuntos novos. Diariamente, á noite, renovavam-se as palestras animadas, em casa de Samuél, ou na de Abrão, ao ritmo da curiosidade geral pelas notícias do Velho Mundo. O espôs de Madalena lograra algum conforto com a presença do generoso amigo e, fumando o seu cachimbo, calado, ouvia as dolorosas descrições da epidemia que flagelara as populações francesas do norte. De quando em vez Suzana intervinha no assunto, com sutileza, por dar impressões pessoais. Contara a todos que não pudera abraçar Madalena Vilamil na hora extrema, porêm tivera oportunidade de acompanhar Antero de Oviedo nas derradeiras homenagens devidas á D. Inácio. Dada a sua presença em Paris, podia descrever os quadros impressionantes da capital francesa, — circunstan-

cia que frisava com entusiasmo — carregando nas tintas negras para produzir maior efeito no auditorio atento e estarrecido.

Cirilo guardou carinhosamente a cópia das anotações de sepultamento colhidas pela prima, em Paris. O fúnebre documento, aos seus olhos, era o último capítulo da realidade sem remédio.

A situação em "Nova Irlanda" era muito próspera. As duas fazendas realizavam vultosos negócios. Com a vinda dos dois colonos tão importantes, ia resolver-se um grande problema, que era o da escola. Abrão Gordon já havia ponderado o assunto e resolvido procurar um professor para o grande centro rural. O educador de Blois, todavia, atendeu com vantagem á semelhantes necessidades.

Espírito corajoso e realizador, em poucos dias iniciava o movimento de instrução primária, entusiasticamente aplaudido por todos os companheiros. As fazendas vizinhas interessaram-se igualmente pela iniciativa. Crianças de longe vinham matricular-se nas aulas prestigiosas, dirigidas por um professor de reconhecido mérito.

Notava-se em Suzana uma transformação singular, parecia outra, ali assim, no ambiente americano. Renunciara aos hábitos frívolos, punha de parte a ociosidade e auxiliava o pai nos trabalhos escolares. O próprio Jaques estava impressionado com aquela transformação. Com alto senso psicológico de mulher, Suzana dividiu turmas em classes, estabeleceu melhor aproveitamento dos horários, arregimentou planos surpreendentes. Conhecendo o interesse de Cirilo pelos escravos, consagrou parte do dia á instrução dos filhos dos cativos, visitava as senzalas pela manhã, ministrando noções de higiene e ensinando o melhor meio de lograr harmonia doméstica. Lançou a idéia de um grupo musical formado pelos servos, iniciativa que alcançava enorme êxito, após algum tempo de laboriosa preparação.

Tornara-se, enfim, credora da estima geral, esforçava-se por ser útil a grandes e pequenos, sem embargo dos sentimentos menos dignos que lhe moviam o coração. Tornara-se a alma de todas as realizações mais intimas,

pela afabilidade com que dissimulava as intenções. Não somente se consagrava ao trabalho gratuito em beneficio das crianças necessitadas como organizava os serviços da capela, cooperava em todos os misteres de assistencia aos enfermos, prestava auxilio eficiente aos matrimonios improvisados.

Não raro, chegavam a Hartford pequenas turmas de jovens orfãs ou de outras candidatas ao matrimonio na colonia, onde o numero de homens sobrepujava, de muito, o de mulheres e constituia espetáculo interessante a parada dos rapazes do campo, consultando as qualidades das futuras esposas. Raramente examinavam-se os traços de beleza física. Quasi todos, porém, se interessavam pela saúde das que reuniam melhores requisitos de capacidade para o trabalho, como fôssem rigeza de pulsos e tornozelos. Os serviços da colonia exigiam pesados esforços físicos, ou então longas caminhadas através das lavouras. As concorrentes julgadas incapazes, dificilmente conseguiam noivar.

As famílias de tratamento entretinham-se em assistir as interessantes competições, encontrando nelas inegotável assunto para serões humorísticos. Jaques Davenport chegara mesmo a observar que o novo continente era a primeira região do mundo na qual a mulher deveria vencer, longe da moda e da faceirice femininas.

Em tal ambiente, era de prever que Suzana Duchesse interessasse a todos os rapazes de nobre educação. Inteligente e afável, estimada por toda a comunidade, dado as suas iniciativas de trabalho, entrou a ser reuestada com empenho. E contudo, ela se mostrava insensível ás atenções de Carlos Gordon, que a cortejava francamente. No íntimo, Suzana recalcava o seu despeito bem feminino, ao verificar que o primo, cuja afeição não hesitara em conquistar mediante um crime, dava-lhe a impressão de não lhe perceber a presença, senão como irmã desvelada e sincera.

E' verdade que o tempo lhe desfizera a sombria catadura, como se se houvesse afeiçoado á propria dor, sem conseguir alijá-la. Nunca mais, contudo, voltou a ser o mesmo homem de alegria sem mácula. A taciturn-

nidade das primeiras semanas de viuvez foi substituída por constante retraimento e o riso franco e sonoro de outros tempos transformou-se em discreto sorriso, ainda assim, raro. Decorrido o primeiro ano, em que sobrepujara todas as expressões individuais em serviço efetuado, a família começou a preocupar-se com a sua viuvez.

Constância, instigada pela sobrinha, por trás dos bastidores, certa noite em que se achava a sós com o filho, chamou-lhe a atenção para o caso. Muito delicada, evidenciando nobre prudência maternal, começou a dizer sensibilizada:

— Na verdade, tua situação de viuvo me preocupa muitíssimo. Não achas acertado refazer o destino, cogitando de um novo lar? Aí já tens a casa que a falecida, de saudosa memória, não logrou desfrutar. Quando te vejo a cultivar, sózinho, as roseiras e fruteiras, sinto que o coração se me aperta no peito!... Mais vale abandonares aquelas plantações, que só teriam significação se tivessem a consorte ao lado.

O rapaz não podia perceber a intenção materna e ponderou com sinceridade cristalina:

— Tenho a impressão de que Madalena me acompanha em pensamento. Já em Paris havíamos combinado os dispositivos ornamentais desta vivenda. As roseiras do portão, o cultivo dos pessegueiros e mesmo a frente da casa para o rio, são idéias dela, que não poderei esquecer. Se me não ficou ao menos um filhinho para beijar, guardarei essas lembranças em penhor de fidelidade á sua memória.

— Concordo com a nobreza de tuas recordações mas não posso aprovar a solidão em que vives. Suponho que poderias aliar as saudades aos imperativos da vida real, ao demais, moço como estás.

Aparando de pronto a mal disfarsada sugestão, Cirilo respondeu:

— Julgo, minha mãe, que ninguem pode amar duas vezes.

— Será talvez um engano, pois os afetos da vida não se confundem nunca. Como espôsa e mãe, conheço o amor em fórmas diferentes e estou habilitada a dizer

que estimo o marido e os filhos, com um só coração, mas a cada um de certa maneira. E quando minha experiência fosse particular, has de convir que, se muitas vezes ha consorcios de amor, tambem não faltam os de conveniencia.

— A senhora não admite que um homem possa viver sózinho?

— Não vou tão longe, mas não vejo razão para que um rapaz, na tua idade, se isole totalmente da vida, como vens fazendo.

— Mas... por que? — indagou Cirilo intrigado.

A boa senhora teve certa dificuldade em condicionar a resposta, mas, num momento, encontrou boa saída invocando os argumentos religiosos:

— Ora, meu filho, se Jehová se preocupou com a solidade de Adão no Paraíso, dando-lhe a companhia de Eva, que não sinto eu, na minha fragilidade maternal humana, ao ver-te sempre isolado e triste? E a verdade é que Deus estava no céu e nós estamos no mundo...

— Mas o Criador — disse o rapaz esforçando-se por sorrir ás delicadas sugestões maternas — não deu a Adão duas Evas...

A progenitora tambem sorriu meio contrafeita e contudo prosseguiu firme:

— Deixemo-nos de humorismos. Eu estou encarando a sério a situação. Ouve-me, filho: por que não esposas Suzana, para que nossa alegria se complete? Tua prima sempre te acompanhou os passos com extrema fidelidade. Desde a infancia que se interessa por teu bem-estar e procura o teu coração. Jamais lhe ouvi qualquer censura aos respeitaveis sentimentos que te levaram ao primeiro matrimonio. E' um coração afetuoso, dedicado, fiel. Não seria a criatura talhada para te substituir a ventura que bem mereces? E não seria louvável que lhe oferecesses agora o teu braço protetor?

Cirilo esboçou um gesto de quem via confirmadas certas suspeitas mais íntimas e afiangular:

— Desde a chegada do tio Jaques, noto de fato, na prima umas tantas pretensões, mas a verdade é que não

posso esposá-la. Não se deve mentir nem mesmo ao proprio coração.

— De qualquer maneira, porém — acentuou D. Cons-tancia — não se justifica a solidão em que vives. A propria Madalena, se estivesse conosco, não concordaria com semelhantes atitudes.

Cirilo deu a entender que os alvitres seriam objeto de acuradas meditações, mas estava longe de pensar que a investida materna representava o inicio de cerrada ofensiva familiar, a-fim-de lhe modificarem os pontos de vista.

Daí por diante, entrou a reparar mais detidamente nas atitudes mínimas de Suzana, compreendendo-lhe as razões sutis no tratamento generoso dispensado aos seus homens de serviço. A pretexto de atender ás crianças negras, ela percorria frequentemente as zonas de trabalho rude, distribuindo sorrisos e palavras de conforto. Cirilo começou a pensar naquelas necessidades do homem moço, isolado no mundo, sem assistencia afetuosa de uma alma feminina e sem o estímulo dos filhinhos, cousas que sua mãe fazia questão de salientar, quasi todas as noites, no serão doméstico. Por vezes, as idéias batalhavam-lhe no cérebro oprimido. Via-se á frente de caminhos de luta áspera, em que necessitava vigilancia para não caír. Assediado por uma torrente de opiniões, chegava a temer que as idéias proprias lhe faltassem no momento oportuno. A idéia de segundas núpcias lhe causava tal ou qual repugnancia. Sempre considerara o amor como patrimonio intransferivel. Era impossivel bipartir a alma, trair os esthos espontaneos do coração.

Os meses corriam em tensas expectativas para a filha de Jaques, quando inesperado acontecimento veiu imprimir novo rumo á situação.

Certa manhã de um radioso domingo, após o culto, o ancião de Belfast procurou Suzana, declarando-se mensageiro de grave assunto, que desejava examinar a sós com ela. A joven atendeu, algo perturbada, visto não

contar com a assistencia do progenitor, que se encontrava ausente.

Logo que se defrontaram a sós, na saleta particular, Abrão Gordon expandiu-se com alegria:

— Não te vexes — exclamou sorridente, com ares patriarcais — teu pai não ignora o que te venho dizer. Conversamos ontem á noite, tendo-me ele asseverado que o caso não lhe reclama a autoridade paternal e sim o teu coração de filha.

— Mas, que vem a ser tudo isto, "tio" Abrão? — interrogou a jóven obedecendo aos costumes familiares, com a designação mais íntima.

— Di-lo-ei sem circunloquios — respondeu o ancião sorridente: — E' que a colonia está precisando de gente nova e novos lares, e Carlos me incumbiu de consultar-te quanto á possibilidade de um enlace, que a todos nós se afigura auspicioso.

Suzana descorou. Não esperava tal cousa. A presença do velho amigo, que se habituara a respeitar desde menina, impunha-lhe uma resposta leal. Mas a sinceridade e nobreza da consulta causavam-lhe estranha emoção. Admirava Carlos Gordon, como rapaz culto e digno, mas não conseguia ir além disso. Pois que se lhe impunha formal recusa, procurava, debalde, os recursos da palavra.

— Diga, Suzana — continuou o ancião solícito — por que te perturbas? Considera que não tens nenhum compromisso.

E vendo que ela não lhe retribuia em satisfação o que lhe oferecia com tanto júbilo, calculou a luta íntima que lhe ia na alma e procurou socorrê-la:

— Teus olhos razos dagua, tanto quanto a expressão do rosto, são assaz eloquentes para mim. Já sei que não podes preencher o futuro de Carlos, tal como o imagina ele.

Nesse comenos, sentindo-se fielmente interpretada, a joven Suzana prorrompeu em pranto, dando a perceber que nutria velhas máguas. Abrão tocado pelas profundas experiencias da vida, inclinou-se paternalmente e disse:

— Acaso, terás sentimentos que eu não possa conhecer? Não creio que andes indiferente nesta nossa Noya Irlanda. Naturalmente, has de ter inclinações que ignoro. Carlos e João são filhos do meu lar; Cirilo é tambem meu filho por afinidade. Tuas lágrimas revelam alguma cousa em teu coração, que eu preciso conhecer. Porventura, aguardas o braço de Cirilo para penetrar os mistérios do amor?

A tais palavras, ditas em tom de imenso carinho, a filha de Jaques levantou o olhar e fez um gesto afirmativo, que não podia deixar margem a qualquer dúvida.

— Pois bem — replicou o generoso velhinho revelando carinhosa compreensão — fica descansada, eu mesmo me entenderei com Cirilo.

Ela esboçou um gesto de reconhecimento e falou:

— “Tio” Abrão, tendes sido para mim um segundo pai; entretanto, não desejo ofender os sentimentos nobres de Carlos.

— Ora essa! Não te incomodes com isso. Meu filho não saberá desta nossa palestra. Dir-lhe-ei que, informado da tua preferencia, resolvi não tocar no assunto, visando a completa felicidade de Cirilo.

— Como vos agradeço! — murmurou a joven osculando-lhe ternamente as mãos.

E enquanto o ancião se retirava, Suzana experimentava novas esperanças banhando-lhe o coração.

Na noite daquele mesmo dia, Gordon solicitou do filho de Samuel uma entrevista em particular.

Cirilo o acompanhou a um canto da extensa varanda, não isento de alguma inquietação. A influencia do velho amigo dos Davenport era sempre decisiva no seu caminho. O que Jaques conseguia dele por efeito de amor, Abrão igualmente obtinha por força de autoridade moral. Algo perturbado, o filho de Constancia seguia-lhe os gestos mínimos, até que o padrinho começou a falar, depois de longas reflexões:

— Meu filho, venho tratar da solução de um problema de importância capital para as nossas famílias; contudo, espero que me compreendas a intenção, como se exposta fôsse por teu proprio pai!...

— Sou todo ouvidos, replicou o rapaz, considerando a solenidade do preambulo.

— E' que, — continuou o velho com bondade — não podemos concordar com o teu isolamento, e talvez saibas que Suzana te ama desde a adolescencia.

— Mas eu já me casei uma vez... — redarguiu Cirilo, desejando fugir ao assunto.

— Isso, porém, não impede a recomposição da vida.

— Não me sinto bem ao pensar nisso. Por vezes, tio Abrão, quando essas idéias me ocorrem, tenho a impressão de me trair a mim mesmo. O amor conjugal, a meu ver, é unico, insubstituivel. Sempre encarei o segundo matrimonio como taça vazia. Que teria, então, para oferecer a Suzana?

— Essas idéias, crê, não passam de fantasias, sem fundamento no plano das realidades positivas. Sou casado em segundas núpcias e nem por isso me considero o piór dos homens.

O rapaz experimentou um leve abalo, visto não ter encarado o problema sob esse aspecto, firme no propósito de insular-se no seu infortunio, em culto de eterna saudade.

Gordon continuou:

— Entretanto, comprehendo os teus escrúpulos, até certo ponto. A mocidade nos enche o coração de sublimes idealismos. Todavia, as vozes da experientia são muito diversas. Sei da saudade que te empolga o espírito afetuoso, mesmo porque, dada a tua conduta presente, parece-me que a espôsa morta resumiu no mundo o conjunto dos teus melhores ideais; no entanto, poderás guarda-la na memória como simbolo de inspiração, como página viva a reler, diariamente, no imo dalma, a-fim-de criar uma nova situação feliz. A primeira mulher foi a jardineira cuidadosa e fiél, que te deixou o perfume de lições sacrossantas para toda a vida, mas não ha esquecer que não estás fóra do jardim da vida.

Cirilo não respondeu, engolfado em profundo cismar.

— Julgas, porventura, meu filho, que Noya Irlanda poderia progredir sómente á expensas de nobilíssimos ideais? Muita vez tenho ouvido tuas apologias calorosas

á opulencia da terra que nos foi confiada. Repara o massiço da vegetação luxuriante que se perde na noite, observa como o rio vai espalhando a vida silenciosamente. Toda a extensão vastíssima, que o nosso olhar abrange, espera o braço do homem. Meditemos nesse imperativo da natureza. A criatura viverá pelo coração, mas necessita aplicar e multiplicar os braços para colaborar na obra divina. A floresta requer cuidado, a terra aguarda o intercambio das sementes no seio fecundo, o curso d'água reclama retificações para trabalhos proveitosos, os campos mais áridos sonham com um braço do rio!... O mundo material é uma tenda de esforços infinitos, onde fomos chamados a colaborar com o Criador no aperfeiçoamento de suas obras. E' impossível a cooperação perfeita, sem lar e sem prole.

O filho de Samuel desejava confutar, expender argumentos ponderosos, mas a autoridade patriarcal de Gordon era sempre sagrada aos olhos de todos. As razões por ele invocadas, frutos de madureza e bom-senso, também lhe pareciam dignas de ponderação e respeito. A-final, o venerando ancião sempre tinha uma preocupação mais elevada pelo bem coletivo, uma observação sensata, colmando o supremo alvo da vida — perpetuar a espécie. Sua dedicação aos problemas da gleba, manifestada não apenas teóricamente mas exemplificada com sacrifícios, era um dos muitos predicados que lhe realçavam a personalidade. Todavia, examinando e profundando os mais abscondidos ditames do coração, Cirilo sentia-se estranhamente angustiado, quando compelido a conjecturar um segundo matrimônio. Sem dúvida, a prima cumulava-o sempre de gentilezas e deferências especiais. Associava-se, de bom grado, aos seus planos de serviço, amparava-lhe os empreendimentos com o prestígio pessoal adquirido por sua afabilidade, junto de todos os servidores. A seu ver, ela corresponderia ao papel de uma boa amiga, mas não poderia jamais substituir Madalena, no seu coração. As afirmações de Gordon, todavia, eram ponderáveis. Apresentavam argumentos mais fortes que os maternais. O ancião de Belfast não se referia apenas a interesses pessoais, mas à coletividade,

ao impessoal, ao mundo, à obra de Deus por intermédio da natureza.

Reconhecendo-lhe a necessidade de raciocinar, o tio fizera longa pausa, voltando a insistir:

— Espero, pois, medites o assunto e nos proporcione a certeza da breve restauração do lar, para que "Nova Irlanda" se enriqueça, mais tarde, com a tua descendência...

Forçado a tomar atitude decisiva na resposta ao velho amigo, mas querendo adiar um compromisso formal, o rapaz obtemperou sensatamente:

— Por enquanto, creio que não devo me pronunciar em definitivo, reservando qualquer decisão para depois da visita que tenciono fazer ao tumulo de Madalena, em Paris.

Abrão Gordon, porém, considerou que a resposta equivalia a meio caminho andado.

A situação do restrito ambiente de "Nova Irlanda" continuava, assim, a ensejar ansiosas expectativas em torno do caso de Cirilo. A renúncia de Carlos em favor do companheiro, tornando-se arreio, sem que o filho de Samuel pudesse atinar com a causa do seu retraiamento, imprimia nova força à opinião dos palradores. O rapaz sentia-se cada vez mais apertado no círculo dos comentários familiares, enquanto a filha de Jaques continuava agindo. O generoso professor de Blois não encarava os boatos com simpatia espontânea, mas também não desejava intervir em decisões de tal natureza, não só porque poderia parecer egoista ao sobrinho, como ingrato e insensível à filha, que já lhe havia confiado seus votos mais íntimos, por ocasião do casamento de Madalena.

Tão logo marcou a viagem para França, com o fito de visitar o sepulcro da esposa, Cirilo notou que Suzana desejava a mesma cousa. A jovem temia, intimamente, que o primo pudesse encontrar algum fio isolado da sombria teia e dispunha-se a segui-lo em jornada tão penosa, com a intenção de vigiar-lhe os passos. Em face das objeções familiares, alegou que precisava de material escolar para imprimir novo impulso aos seus trabalhos educativos. A-fim-de não agravar a preocupação dos pa-

rentes, deliberou levar Dorotéia, uma das pequenas irmãs de Cirilo. Declarava-se desejosa de visitar, igualmente, a sepultura inesquecível e aproveitar o ensejo para rever antigas relações em Paris.

E não houve como dissuadi-la. Após mais de dois anos de ausência, o marido de Madalena regressava á França, assomado de amarissimas recordações. Não estava propriamente alquebrado, pois o trabalho contínuo do campo dotara-o de singular robustez; no entanto, o olhar reservado, a comunicabilidade esquiva, davam conta da profunda mudança operada.

A chegada á capital francesa, depois de longos dias de viagem exhaustiva, verificou-se sem incidentes dignos de menção, a não ser a gentileza crescente de Suzana.

Cirilo procurou avistar-se com os velhos amigos, que o receberam alegremente. Cada paisagem, cada rua, assinaladas pelos antigos hábitos, foram outros tantos espiculos de consternação. Os antigos companheiros pintavam-lhe ao vivo as cenas téticas e inesquecíveis da varíola devastadora. Muitos séres caros haviam partido para sempre. Em companhia de Suzana, visitou a casa de Santo Honorato, o recanto adorável de sua primeira ventura. Os novos locatários simpatizaram com ele e o convidaram a rever o interior da antiga morada, em atenção aos ascendentes da visita. Penetrou nos apartamentos comovido e reverente, dando a impressão de ingressar num santuário muito amado. Suzana descrevia-lhe o derradeiro quadro, indicando o local onde repousara D. Inácio Vilamil, pela última vez, junto do sobrinho enlouquecido de dor. Cirilo foi mais longe. Avistou-se com a serva que sobrevivera a tantos infortúnios, vendo confirmadas as reminiscências angustiosas, de que a prima parecia intérprete fiel. Das relações afetivas da extinta encontrou apenas Colete, que se referiu á morta com lágrimas copiosas. Não conseguiu vê-la no extremo instante, mas fôra informada do seu passamento logo após a nuvem de sofrimento que abafara Paris, por várias semanas, acrescentando que seu tumulo no cemitério dos Inocentes, era objeto do seu carinho constante.

Onde, porém, as impressões se tornaram mais dolori-

osas, foi justamente na silenciosa mansão dos mortos, quando lá chegou ao entardecer, em companhia da prima e da irmãzinha.

Aproximou-se das duas campas com respeito infinito e ajoelhou-se junto á lousa que tinha o nome de Madalena. Reparou no róseo coração de mármore, atravessado por um punhal, símbolo profundo que devia á lembrança do tio Jaques e, esmagado pela saudade soluçou longamente. A presença da prima não lhe impedia o pranto copioso. Mergulhado em preces não reparou que Suzana retirava da bolsa um papelinho. A jovem parecia reler velhas palavras, tocada igualmente por vibrações de indizível tristeza. Tratava-se da carta que a filha de D. Inácio lhe escrevera para a Irlanda. Depois, ela aproximou-se de leve e entregou a carta ao primo, dizendo:

— Veja, é da nossa querida morta.

Ele mergulhou os olhos sofridos no documento. Entre muitas outras advertências afetuosas, lá estavam as recomendações de Madalena: — “Não deixes de amparar... Cirilo, durante minha ausência. Se eu pudesse, aí estaria para ajudá-lo a resolver com os nossos familiares os problemas emergentes, mas circunstâncias imperiosas se opõem aos meus desejos. Confio, entretanto, na tua amizade. Aconselha-o. Auxilia-o como se fôsses eu mesma.”

O rapaz beijou o papel e falou comovidamente:

— Ninguem se desvelava tanto por mim.

Deixemos agora o filho de Samuel Davenport entregue á sua luta espiritual e voltemos á chácara modesta de Ávila, onde passaremos a examinar um novo acontecimento.

Precisamente um ano depois do auxílio prestado ao Espírito de Antero de Oviedo por aquela que lhe fôra mãe adotiva na Terra, nascia o primeiro filhinho de Dolores.

Todos esperavam aquele advento com alvorocada alegria, mas a criança causou a maior decepção. A mãozinha e pé direito apresentavam-se deformados, e não só isso, como singular defeito do aparelho visual. A mão tinha apenas dois dedos, enquanto que o pé os tinha

tortos e retraídos. No primeiro dia, os pais tentaram encobrir o fato, acabrunhados e receosos; mas a velha serva, que servia de parteira na grande propriedade dos Estigarribias, levou a notícia a D. Alfonso, cujo pai não admitia a existência de aleijados em seus domínios.

Na manhã do segundo dia, João de Deus foi chamado pelo amo mais moço que lhe falou irritado e severo:

— Has de reconhecer que fomos bastante generosos por ocasião do teu matrimonio, mas a fazenda não pode sustentar crias anormais.

O pobre pai não ignorava a sorte reservada aos pobrezinhos que nasciam assinalados por estigmas dolorosos, incapazes para o trabalho e respondeu humildemente:

— Já sei, senhor, mas peço-vos pelo amor de Deus não seja meu filhinho eliminado, pois hoje mesmo daremos novo destino.

D. Alfonso aquiesceu, enquanto o desolado servo regressava ao ambiente doméstico. Depois de comunicar á espôsa o ocorrido, misturou com as dela as suas lágrimas, deliberando recorrer á bondade de D. Madalena, para que a criança fosse devidamente socorrida. Ponderaram as dificuldades extremas da generosa benfeitora e acanhados de lhe falar diretamente, resolveram chamar a pequena Alcione que, de certo, os auxiliaria com a sua ternura infantil.

Atendendo ao chamado, a graciosa menina aproximou-se curiosa do berço improvisado:

Dolores esforçou-se heroicamente para não chorar, e falou:

— Mandei buscar-te, Alcione, para dizer que o pequenino é teu e de tua mãe!

A menina arregalou os olhos de alegria, entremos-trando assombro infantil. Sem nada dizer, estendeu os bracinhos com sublime expressão de docura. João de Deus envolveu o filhinho na vestidura rendada que Madalena havia dado e ajudou-a a segurar a criança. Alcione exultava de alegria. Com enorme cuidado, voltou á casa, provocando a admiração maternal.

A espôsa de Cirilo surpreendeu-se. Transbordante de

júbilo, Alcione mostrou-lhe a criancinha, murmurando:

— Julgo que a cegonha deixou caír o pequenino em lugar errado. Deus não o mandou para Dolores, porque ela me disse que o bebê é meu e da senhora!

— Não é possível — afirmou Madalena curiosa.

A filha fez um gesto de quem não desejava qualquer modificação na providencia e sentenciou:

— Ah! mamãe, não fale assim...

E como que buscando uma defesa prévia, aproximou-se mais da mãezinha e continuou a dizer com graciosa expressão:

— Se a senhora o deixar comigo, nunca mais pedirei brinquedos... e carrega-lo-ei ao colo, para não lhe dar trabalho...

A progenitora supunha que tudo aquilo não passasse de capricho infantil e acrescentou:

— Não podemos separá-lo de Dolores, minha filha! Terias coragem de vê-lo chorando, longe da mamãe?

João de Deus acompanhava o dialogo, afogando o coração em lágrimas, mas vendo que Alcione se preparava para responder, pediu á D. Madalena um momento de atenção, em particular, e falou gravemente:

— Minha senhora, conhecemos as vossas dificuldades; entretanto, não temos outra fonte de caridade a que possamos recorrer. Ignorais, talvez, que aleijados ou cegos de nascença, dos escravos de algumas fazendas coloniais, são eliminados ao nascer. Os Estigarribias adotam esse regime. E' verdade que Dolores não tem o estigma do cativeiro, mas tenho-o eu, infelizmente, na qualidade de pai. Hoje de manhã, D. Alfonso me chamou para tratar do caso e acabou por intimar-me a consumir com o desgraçadinho.

— Mas isso é uma imposição criminosa — atalhou a filha de D. Inácio.

— Ainda assim, é tradicional na colonia, onde os brancos têm filhos, mas os pretos só têm crias. Seria talvez interessante reclamar e defender meus direitos, mas sei que nada adiantaria, ou antes, que me valeria o ser reconduzido a ferros para os duros trabalhos da minha primeira mocidade.

— Compreendo...

— Lembramo-nos, então, Dolores e eu, de solicitar-vos este sacrifício. Por quem sois, ajudai-nos a salvar o pequenino.

Madalena considerou os apuros em que se via para manter o exiguo lar, mas, profundamente comovida não hesitou um minuto e respondeu:

— Não julguei que se tratasse de problema tão grave; mas já que assim é, vocês devem contar conosco. Seu filhinho será também meu. Dolores virá amamentá-lo, em minha companhia, e por tudo o mais fiquem descansados, porque o petiz será o irmão mais moço de Alcione.

— Será vosso servo — murmurou o semi-liberto, enxugando uma lágrima.

— Será meu filho, — confirmou a filha de D. Inácio voltando incontinenti á sala, onde a criança choraminava nos braços carinhosos da filha. Tomou-a e conchegou-a ao coração. Não saberia jamais definir as doces comoções que se lhe apossaram da alma generosa. Acariciou a mãozinha aquietuosa, beijou-a com ternura. O recem-nascido aquietou-se brandamente. E enquanto João de Deus se despedia, para atender ao labor diurno, a espôsa enfermeira de Cirilo Davenport mergulhava num abismo de profundas interrogações. Por que misterio o filhinho de Dolores ia reclamar seus carinhos maternais? Contemplou-lhe detidamente os traços grosseiros, aliados aos dfeeiitos físicos que lhe haviam assinado tão doloroso destino. Mergulhada num mar de cismas atrozes, rogou a Deus lhe concedesse fôrças para desempenhar a tarefa maternal até o fim. Não ignorava a extensão dos sacrifícios que a decisão lhe impunha nas lides diárias... No entanto, a criança reclinada ao seio parecia falar-lhe intimamente de um infinito reconhecimento. Não podia contar com as proprias forças, mas habituara-se a confiar na misericórdia de Deus.

A' noite, como de costume, Padre Damiano apareceu para o serão habitual.

Relatou-lhe o fato da manhã, extremamente comovi-

da, comentando o carater inexplicavel das suas comoções, e o velho amigo acentuou:

— Deus tem numerosos meios de aproximar as almas. Quem poderá saber de onde vem esta pobre criança tão penosamente assinalada do berço? Estejamos preparados para cumprir os celestiais desígnios e agradeçamos sinceramente a emotividade maternal que bafejou seu coração!

Mal acabava de o dizer, Alcione entrou na sala com a criança ao colo. Depois de saudar afetuosamente o sacerdote, apresentou-lhe o "seu bebé" com requintes de zêlo.

— Este menino, padre Damiano, foi a cegonha quem trouxe do céu, para mamãe e para mim. Veja como é bonito!...

O eclesiástico tomou o petiz, cuidadosamente, enquanto a menina o ajudava a segura-lo convenientemente nos braços e murmurando:

— Sem dúvida, é um belo rapaz que Deus nos mandou.

Em seguida, fixou nela os olhos e interrogou, após uma pausa:

— Como se chama?

Alcione lembrou a história que mais admirava, entre as que a mãe costumava respigar das obras irlandesas, que o marido lhe deixara, e voltando-se para a progenitora, como a pedir-lhe aprovação, respondeu:

— E' Robbie.

— Um lindo nome das terras de teu pai — disse o religioso, revelando interesse. — E por que o escolheste?

— O senhor não sabe a história?

— Não. Conta-a lá...

A pequena Alcione assumiu encantadora atitude, por coordenar detalhes na mente infantil, e explicou:

— Robbie era um menino que a cegonha esqueceu numa rua, quando todos dormiam, mas depois foi achado por uma senhora de bons sentimentos, que o criou para as cousas de Deus. Muita gente o julgava insupável porque era muito feio, mas era tão generoso e tão humilde que recebeu de Jesus uma grande missão.

— Lembraste muito bem, Alcione, e estou certo de que o Salvador ha de amparar este nosso Robbie.

O sacerdote examinava a criança com atenção. Depois de observar-lhe o defeito dos olhos, examinou o pé e a mãozinha mirrados.

— Parece doentinho — acrescentou um tanto impressionado. Acredito que não poderá trabalhar muito bem quando ficar homem.

Alcione havia-se assentado em atitude expectante e ouvindo a alusão do velho clérigo, acrescentou solícita:

— Mamãe já falou isso, mas o senhor não acha que o Robbie poderá aprender música?

Damiano compreendeu o alcance da infantil lembrança e opinou satisfeito:

— Muito bem lembrado! Estudará em nossas aulas e, quando crescer dar-lhe-emos um violino de Cremona.

A menina bateu palmas de contentamento, como se houvera resolvido um problema de alta relevância e aproximando-se do sacerdote retomou o petiz com infinitos cuidados, enquanto a mãe lhe acompanhava os movimentos com um olhar de ternura indefinível.

Assim regressava Antero de Oviedo ao cenáculo do mundo, para as tarefas laboriosas da redenção.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

I

O PADRE CARLOS

Estamos no decurso de 1681.

Em Ávila houve algumas modificações. Madalena Vilamil passou a residir na cidade, em casa modesta e confortável, tendo arrendado a chácara aos Estigarribias. A educação de Alcione exigira a mudança, aliás consumada com grandes dificuldades.

A pobre senhora estava prematuramente envelhecida. Não fossem os extremos cuidados pelo Robbie e o apêgo á filha dotada de virtudes raras e preciosas, talvez já tivesse atendido aos apelos da saudade, buscando as regiões da morte. Diversas vezes, nas crises periódicas da enfermidade dos pés, abeirava-se do sepulcro, mas a dedicação maternal vencia sempre, dilatando-lhe as forças físicas. Assim oscilava ela entre os dois entes mais amados, como pêndulo afetuoso, sem qualquer preocupação pelo resto do mundo, exceto o antigo projeto de uma visita á América distante.

Afóra os propósitos ardentes do padre Damiano, relativos a uma possível missão religiosa nas terras do Novo Mundo, suas esperanças esbatiam-se em planos vagos e indefinidos. E a vida continuava entre esperanças e recordações.

Robbie tem agora sete anos, e Alcione conta dezesse primaveras. O pequeno inicia os estudos primários, enquanto a jovem tem completado o curso escolar nos